



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O TEXTO EM FOCO NA PRÁTICA DA ANÁLISE LINGUÍSTICA

Renato de Araujo; Linduarte Pereira Rodrigues

Universidade Estadual da Paraíba
renatoozem@gmail.com; linduarte.rodrigues@bol.com.br

Resumo: O livro didático de língua portuguesa constitui um material de apoio/pesquisa escolar do aluno que frequenta o Ensino Médio. Sendo assim, em que medida esse recurso didático é manuseado de modo a tornar funcional e, mesmo pragmático, o ensino de língua materna no ambiente escolar? O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão acerca da abordagem que o livro didático faz do texto e os recursos linguísticos inerentes à construção do sentido. O trabalho se impõe relevante pelo fato de apresentar uma reflexão acerca do ensino/estudo de linguagens nos dias atuais, averiguando o Livro Didático de Português que circula em escolas públicas da cidade de Soledade - PB. O presente estudo é fruto de um levantamento bibliográfico e documental de cunho qualitativo. A análise focou nos operadores argumentativos (conjunções) e o norte dado a esse estudo pelo manual do professor. Para tanto, tomou como orientação os direcionamentos dos documentos oficiais dirigidos ao Ensino Médio: PCNEM (2000) e RCEM-PB (2006). A base teórica se constitui de autores como Geraldini (2000), que defende a ideia de que o ensino de língua portuguesa deve ser feito a partir dos textos produzidos no meio social e, sobretudo, os textos produzidos pelos alunos para a prática da análise linguística; e Gomes (2003), que permite ao estudo corrente repensar acerca das contribuições da semântica cognitiva. A análise frente às atividades do livro didático selecionado para o estudo demonstrou que os autores do material consultado estão presos aos estudos da gramática tradicional e não se fundamentam em estudos linguísticos contemporâneos, com ênfase para as teorias semânticas.

Palavras chave: Livro didático, Aula de língua materna, Análise linguística.

1 Introdução

De tempos em tempos, a sociedade sofre mudanças por conta da diversidade e pluralidade de pessoas que pensam e agem de forma diferente, interagindo com o meio em que vivem. Diante desse fenômeno, o homem é posto como um produtor de texto, aquele que se constrói no meio social por meio dos textos produzidos por ele, construindo uma ponte entre ele e o outro e, assim, estabelecendo a relação de interação entre os sujeitos produtores de sentidos e o mundo em que vivem. Frente ao contexto de ação sociointerativa que envolve



o homem como produtor e consumidor de textos, cabe-nos indagar acerca da forma como o livro didático de língua portuguesa vem operando sentido na prática pedagógica dos professores de língua materna, de forma a tornar funcional (e mesmo pragmático) o ensino que, julgamos, deve ser contextualizado com as práticas culturais dos sujeitos que atuam em sociedade. Dessa inquietação se desenvolveu nosso trabalho.

Por essa razão, motivamo-nos pelo desenvolvimento desse estudo que tem como objetivo analisar o modo como o texto (material sociocultural e linguístico) é tratado pelo Livro Didático de Português (LDP), no ensino/estudo das conjunções, com vistas à identificação de se é levado em consideração, pelos autores, o contexto social próprio dos alunos que frequentam o Ensino Médio brasileiro, no que se refere ao trabalho dos recursos gramaticais da língua por meio da análise linguística, bem como se ele (LDP) dialoga com as fundamentações teóricas fornecidas pelo Manual do Professor, que, espera-se, deve se apoiar em documentos oficiais.

Este estudo se impõe relevante pelo fato de expor reflexões acerca do ensino/estudo de linguagem na sala de aula da contemporaneidade, tendo em vista o contexto histórico, social e cultural da comunidade escolar na qual a escola está inserida. Enfatizamos que os livros didáticos de língua portuguesa, disponíveis em escolas públicas, precisam abordar o gênero textual, tomando como base a leitura, produção e análise linguística dos textos selecionados, ressaltando os sentidos que esses instrumentos de comunicação/interação atualizam na sociedade e no espaço escolar de Ensino Médio.

Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico e documental mediante textos que fundamentam a pesquisa desenvolvida: os documentos oficiais como os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (RCEM-PB) e os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio (PCN-EM) que compartilham dos pensamentos de Geraldí (2000)¹, além das contribuições da semântica cognitiva. Em seguida, coletaram-se e selecionaram-se livros didáticos de língua portuguesa do 2º ano do Ensino Médio que circulam em escolas públicas de cidades paraibanas (Itatuba, Fagundes, Soledade), dos quais um LDP do professor foi escolhido para a análise da abordagem que se faz do gênero discursivo ao se trabalhar os

¹ É comum entre eles a ideia de que o texto precisa ser visto como objeto de estudo para o alunado em sala de aula para a prática de leitura e produção de texto.



operadores argumentativos (conjunções), e o norte que é dado pelo manual do professor a esse saber escolar.

2 Língua portuguesa: o texto como objeto de estudo

O uso do texto nas aulas de línguas é algo indispensável, afinal somos produtores de texto e de sentidos. Como diz Marcuschi (2008, p. 154), “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero”, ou seja, seria impossível haver comunicação verbal entre os seres humanos se não fosse por meio de um gênero textual. Então, não há porque privar nossos alunos de conhecerem melhor essas produções culturais. É essencial o trabalho com textos escritos e orais nas aulas de língua materna, lendo-os, produzindo-os e analisando-os, e não trazendo o texto como pretexto para se trabalhar as regras gramaticais sem se importar com o contexto que contribuiu para a “gênese” do gênero trabalhado.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL/OCEM, 2006, p. 29), defendem “a absoluta necessidade de se evocar e levar adiante o desafio de criar condições para que os alunos construam sua autonomia nas sociedades contemporâneas – tecnologicamente complexas e globalizadas”, sem correr o risco de distanciá-los dos usos linguísticos que se envolvem, os diversos campos comunicativos a que eles fazem parte. É importante que o aluno domine os conhecimentos acerca de gêneros diversos, tais como poemas, romances, lendas, piadas, rótulo de produtos, cordéis etc., mas sem ignorar os textos que fazem parte cultural de seu sistema comunicativo.

2.1 A prática de análise linguística em sala de aula

Ao partirmos do estudo dos textos, tendo em vista observar aspectos determinados para sua existência, estaremos trazendo para sala de aula a prática da análise linguística, visando não apenas compreender os aspectos da língua que contribuem para a produção de sentido no texto, mas também investigar o porquê desses elementos gerarem determinados efeitos de sentido quando inseridos em contextos distintos. O estudo da linguagem humana



está muito além dos estudos gramaticais, pois envolve aspectos linguísticos e extralinguísticos fundamentais para que um texto possa ser entendido pelos sujeitos do discurso: “Análise linguística é muito mais que estudar gramática” (RCEM – PB, 2006, p. 43), é repensar sobre o emaranhado subjacente ao texto, exercício necessário para a eficácia do sentido produzido socialmente no/pelo enunciado.

Lakoff, apoiando-se nos estudos da psicologia cognitivista experimental dos anos 70, preocupou-se com o modo como são apreendidas as experiências humanas e a forma como a razão atua sobre a realidade para dela extrair o sentido das coisas, como afirma Gomes (2003). Sendo assim, “o significado adquire significatividade, que as pessoas vivem e experienciam em seu ambiente sociocultural” (GOMES, 2003, p. 91), entrando em contato com o mundo e organizando os conceitos das palavras, empiricamente, conforme o contexto em que for usada.

Além dos textos fornecidos pelo material didático, o professor deve complementar esse repertório, inserindo no seu plano de aula outros retirados do meio social do aluno. Além disso, [...] “os textos (orais e escritos) produzidos pelos educandos devem ser materiais de referências do professor, por meio dos quais se desenvolverá a prática de análise linguística” (RCEM – PB, 2006, p. 51). É necessário que se estimule os alunos na prática de produção textual com uma visão de escrita como um processo que é preciso várias etapas, e uma dessas etapas é a análise linguística. É nesse momento que precisamos utilizar a gramática a favor da expressão das ideias do alunado, afinal “o ensino gramatical somente tem sentido para auxiliar o aluno. Por isso, partirá do texto dele” (GERALDI, 2000, p. 74). Dessa forma, as aulas de português ficam mais atrativas, uma vez que se estuda o modo como produzir efeitos de sentidos no texto.

3 O livro didático de português e o manual do professor

Como afirma Dionísio (2015), na década de 50 as antologias e as gramáticas foram substituídas por um único livro contendo exercícios de leitura de textos e gramaticais, evitando que o professor preparasse seu material e exercícios. O livro didático muitas vezes



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

servia como um norteador das ações do professor, pois os exercícios e conteúdos de gramática e conhecimentos de textos já vinham prontos no livro. Atualmente, o livro didático também se faz presente nas salas de aulas, mas o professor precisa abordá-lo de forma que ele possa se adequar a comunidade escolar a qual professores e alunos estão inseridos. Como afirma Soares (2001, p. 153 *apud* DIONÍSIO, 2015, p. 82):

Assim já não se remete ao professor, como anteriormente, a responsabilidade e a tarefa de formular exercícios e propor questões: o autor do livro didático assume ele mesmo essa responsabilidade e essa tarefa, que os próprios professores passam a esperar dele, o que surpreende, se se recordar que já então os professores tinham passado a ser profissionais formados em cursos específicos.

O professor precisa enxergar o livro didático como um material de apoio para servir como objeto de pesquisa para o aluno. O LDP não pode ser visto como completo, uma vez que, por conta do espaço, é deixada de lado a exposição de textos na íntegra e colocam-se fragmentos que, na maioria das vezes, servem apenas para se trabalhar aspectos gramaticais ou, em literatura, a ênfase está na classificação literária. Parafraseando Muraro, Dionísio (2015, p. 85) explica que, quando se refere ao livro didático, “o professor deverá sempre ser superior a ele em conhecimento e em desempenho metodológico”, pois precisa perceber seus problemas, e tentar superá-los, completando-o com exercícios ou o acréscimo de outros textos, tendo em vista o contexto social em que os alunos estão inseridos.

O Livro Didático do Professor vem acompanhado pelo Manual do Professor, anexado como um material extra, fornecendo as teorias linguísticas que embasam os estudos desenvolvidos, além de propor, em alguns casos, metodologias e respostas aos exercícios. Como diz Dionísio (2015), o professor é um leitor privilegiado do livro didático porque ele já possui as respostas dos exercícios, métodos para ser utilizado na aplicação dos exercícios e conteúdos selecionados previamente pelo autor do livro didático. No trabalho com a educação, seja em sala de aula ou na preparação de materiais didáticos, é necessária à articulação de teorias e práticas, por isso, o que foi dito e expresso, no manual do professor, precisa ser concretizado nos conteúdos abordados no livro didático.

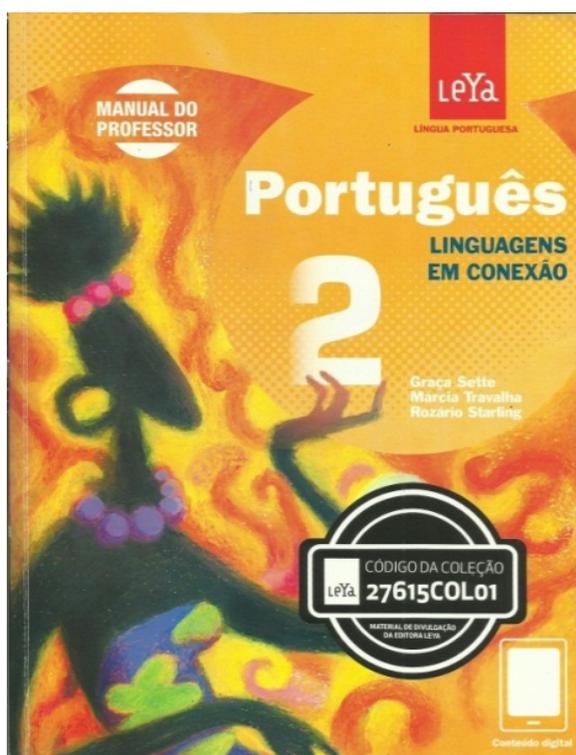


II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

4 O livro didático de português: análise e reflexões

O livro didático “Português: linguagens em conexão”, volume 2, Ensino Médio, dos autores Sette & Travalha & Barros (exemplar do professor) foi adotado em escolas da rede estadual de ensino da cidade de Soledade – PB. No livro, os conteúdos de língua portuguesa são divididos em literatura, gramática e produção textual, tratados pelos tópicos: literatura e leitura de imagens; gramática e estudo da língua; produção de textos orais e escritos. O texto escolhido para análise pertence à unidade 17, intitulada “Conjunções e locuções conjuntivas”, localizadas entre as páginas 192 e 197.

Figura 1: Capa LD de Língua Portuguesa *Linguagens em Conexão*



Fonte: Acervo do pesquisador



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Inicialmente, são apresentadas duas perguntas que direcionam o que o aluno deve buscar na leitura do texto: “O que são conjunções e locuções conjuntivas?” e “Que funções elas exercem nos textos?”. Em seguida é apresentado um texto que trata das ansiedades geradas nos dias atuais, de Karin Hueck, o texto é intitulado “Tempos ansiosos?”, em que foram destacadas conjunções de diversos tipos com a finalidade de um trabalho de exercício que segue o texto:

Figura 2: Texto “Sobre ansiedade”

Sobre a ansiedade
Karin Hueck
Descubra por que a ansiedade atrapalha a sua vida e aprenda o que fazer para conviver com ela

[...]

Tempos ansiosos?

Saber lidar com as preocupações se tornou uma característica desejada, **porque** a ansiedade foi relegada ao posto de vilã do mundo moderno. **Apesar de** ser essencial para a sobrevivência, ela ganhou o estigma de atrapalhar as relações pessoais, a competência no trabalho e todo tipo de situação delicada. “**Se** o candidato não consegue dominar a ansiedade na hora da seleção de emprego, já questionamos **como** ele agirá no ambiente de trabalho”, diz Adriana Vilela, analista de recursos humanos da RHBrasil, empresa que recruta candidatos para o mercado de trabalho. É muito comum, aliás, as pessoas reclamarem **que** são ansiosas demais e os especialistas chamarem os nossos tempos de “era da ansiedade”.

Mas essa noção de **que** vivemos numa época especialmente estressante é coisa ultrapassada, na

verdade. A ideia de “era da ansiedade” nasceu antes da internet e do computador. Apareceu pela primeira vez em 1947, num poema do inglês Wystan Hugh Auden, que, desiludido com a humanidade depois da 2ª Guerra Mundial, criticou o homem e sua busca sem sentido por significado. **Desde então**, há pelo menos uma obra por década que afirma **que** o ser humano está passando pelos tempos mais difíceis de sua história e **que**, coitados de nós, sofremos demais com a ansiedade. [...]

(HUECK, Karin. Sobre a ansiedade. Revista *Superinteressante*. São Paulo: Abril, nov. 2008. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/ansiedade-447836.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2012.)



Fonte: LD de Língua Portuguesa *Linguagens em Conexão*

O texto reproduzido pelo livro didático havia sido publicado na revista *Superinteressante*, em abril de 2008, em que, didaticamente, foram destacadas, em negrito, algumas conjunções que servem ao trabalho sugerido no exercício proposto em tópico

intitulado “Palavras na lupa”. Embora o exercício possua duas questões, iremos analisar apenas a primeira.

Figura 3: Destaque proposta de atividade do LD

1 As palavras e expressões destacadas no texto relacionam as ideias a respeito do tema “ansiedade” e exercem a função de **conjunção** ou **locução conjuntiva**. Releia o trecho e responda:

a) Quais conjunções *ligam ideias* no interior das frases? *E, para* (no subtítulo); *porque, e, como, que* (no primeiro parágrafo); *que, que, que* (segundo parágrafo).

b) Quais conjunções e locuções conjuntivas *estabelecem relação* entre frases ou parágrafos? *Apesar de, se* (primeiro parágrafo); *mas, desde então* (segundo parágrafo). Ela introduz outro ponto de vista em relação ao que foi dito no parágrafo anterior: a ansiedade não é um problema do mundo atual.

c) Qual é a função da conjunção *mas*, que introduz o segundo parágrafo? *foi dito no parágrafo anterior: a ansiedade não é um problema do mundo atual.*

d) Que outras palavras poderiam substituir a conjunção *mas*, sem alterar o sentido?

e) Qual é o sentido da locução conjuntiva *desde então*? *Ela se refere à época em que, pela primeira vez, alguém se referiu à ansiedade.*

Fonte: LD de Língua Portuguesa *Linguagens em Conexão*

Nos itens “a” e “b” são fornecidas indagações que direcionam o raciocínio a noção da classe de palavra conjunções, ou locuções conjuntivas, como sendo elementos que funcionam como elo de frases e ideias. No caso do item “a”, é solicitada a localização das conjunções que estabelecem relações de ideias, bem como as que estabelecem relações entre frases e parágrafos. Já em “c” e “d”, enfatiza-se a função da conjunção “mas” e a possibilidade de substituí-la por outra sem mudar o sentido. Por fim, apenas no questionamento “e” foi tocado superficialmente no sentido da locução conjuntiva “desde então”. Percebe-se que o texto utilizado pelos autores do LDP, com um campo de possibilidades vasto de discussões e de efeitos de sentido, serviu apenas para se trabalhar a gramaticalidade do idioma, de modo mecânico e sistematizado, dando ênfase à sintaxe e ignorando a possibilidade semântica de abordagem linguística. Os objetivos sistematizados pelo manual do professor deixa isso claro.

Figura 4: objetivos do capítulo – Manual do professor



Capítulo 17

Conjunções e locuções conjuntivas

Objetivos

- conhecer, identificar e reconhecer as conjunções e locuções conjuntivas nos textos;
- compreender seus usos e funções nos textos;
- retomar, aprofundar e avaliar o conteúdo aprendido;
- usar esses conhecimentos em seus textos.

Fonte: LD Língua portuguesa – português linguagens /manual do professor

O manual do professor fornecido no final do livro e apresenta como objetivo para o capítulo 17, a identificação das conjunções, seus usos e funções dentro do texto, tomando os operadores argumentativos destacados no texto de modo isolado sem levar em consideração um campo maior de conhecimento que é o texto. O texto deve ser visto como uma unidade de sentido que precisa de certos elementos linguísticos importantes na construção dos efeitos de sentido do texto. Portanto, os recursos linguísticos não podem ser trabalhados de modo isolado no texto, buscando-se apenas nomes e as funções das conjunções como é orientado pelo manual didático.

Figura 5: Orientação do Manual do professor

Orientações didáticas

Para complementar o trabalho, se achar interessante, sugira aos alunos as seguintes atividades:

- escolha um texto e destaque nele as conjunções. Peça aos alunos que o parafraseiem, substituindo as conjunções destacadas por outras conjunções ou locuções conjuntivas, sem alterar o sentido.
- proponha que os alunos construam períodos compostos a partir de períodos simples, usando conjunções para relacionar as ideias.

Fonte: LD Língua portuguesa – português linguagens /manual do professor

Com a orientação apresentada pelo manual do professor acima, o texto servirá apenas para o estudo da gramática tradicional desprovido de sentido. A gramática pode ser trabalhada em sala de aula, mas, como diz Antunes (2003, p. 97), “não adianta muito saber os nomes que as conjunções têm. Adianta muito saber o sentido que elas expressam, as relações semânticas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que elas sinalizam”, sendo importante estudar e perceber os efeitos de sentido que elas provocam quando usadas dentro do texto, este inserido num determinado contexto. Assim feito, o texto não estará sendo utilizado como pretexto para o ensino de regras e nomenclaturas gramaticais, e sim, estará servindo como objeto de reflexão dos assuntos que sustentam as ordens sociais, utilizando-se da língua, e de seus recursos linguísticos, para dizer, isto é, expressar-se competentemente, e fazer sentido em momentos específicos da prática sociolinguística.

O exercício toma o artigo de divulgação científica “Sobre a ansiedade” como texto principal para a abordagem do conteúdo das conjunções. É um texto que traz à tona um tema importante e presente nos dias atuais. Afinal de contas, as pessoas estão cada vez mais ansiosas diante de uma sociedade que oferece um padrão de vida agitado e dinâmico. Esse é um tema que está presente na sala de aula e que os alunos poderiam se sentir instigados a debaterem sobre ele, pois estão numa fase de amadurecimento e ansiedade para fazer determinadas ações e se chegar a objetivos específicos com a pressa própria de uma sociedade pós-moderna. Quantas vezes não encontramos alunos que se preparam para fazer o vestibular ou Enem e, na hora da prova, acabam se prejudicando por causa do nervosismo? Quantos alunos possuem pavor de seminários escolares? E quantos desses alunos não saem da escola para o mercado de trabalho ou para a universidade sentindo dificuldades em se expor em público? Entretanto, e curiosamente, o material didático em análise ignora esse fenômeno.

Enfatizamos que o professor precisa observar a realidade social e cultural do alunado e levar isso em consideração no planejamento de suas aulas ao levantar discussões que norteará a aula acerca do texto “Sobre a ansiedade”. A experiência do aluno vivida na sociedade pode contribuir para que os alunos se sintam instigados em desenvolver e compartilhar seus pensamentos sobre o tema desenvolvido no texto. Desse modo, acreditamos que seria oportuno empreender um estudo escolar de reflexão acerca da linguagem, colocado em prática, na sala de aula, as teorias de base da semântica cognitiva, valorizando a experiência humana em sociedade, um modo de se atribuir significados as coisas do mundo e aos textos ledos e produzidos pelos alunos como seres efetivamente sociais.



5 Conclusão

Em nosso estudo, buscamos destacar a necessidade do sistema educacional de se levar em conta as transformações sociais e humanas na hora de selecionar os conteúdos e a abordagem dos conhecimentos expostos nos livros didáticos de língua portuguesa, os quais fazem parte do cotidiano dos alunos da Educação Básica brasileira. Deve-se ter em mente que o LDP funciona como material de apoio para o professor em sala de aula, por isso, é necessário que seja bem elaborado para melhor exercer seu papel nas mãos de professores e alunos.

O ensino de línguas deve ser voltado para o estudo do sistema linguístico de modo que habilite seus usuários a produzir diversos efeitos de sentido, utilizando os recursos linguísticos ao seu favor, e não estudar a gramática divorciada do contexto social dos alunos, em uma prática muitas vezes prescritiva que visa potencializar o alunado para o domínio de regras sem atentar para questões enunciativas, semântico-pragmáticas e discursivas como é feito no trabalho que o LDP fez no exercício analisado, utilizou-se do texto para identificar e nomear as conjunções, deixando de lado os sentidos que esses operadores argumentativos direcionam ao serem usados textualmente.

A atividade do livro didático selecionado, referente ao ensino das conjunções, demonstra que a escola ainda está presa aos estudos da gramática tradicional e não deixa se influenciar pelos estudos linguísticos contemporâneos, com ênfase nas teorias semânticas. Seria válido também pensar na atualização dos livros didáticos, que deveriam trazer textos mais próximos da clientela, hoje conectada com a sociedade atual. Feito isso, os alunos, que não são acostumados com a leitura imposta pela escola, habituar-se-iam aos poucos com a prática leitora, iniciando com textos próximos de suas realidades, num caminho que segue para a leitura de textos mais complexos.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BRASIL. Secretaria do estado da Educação. Conhecimentos de língua portuguesa. *In: Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias.* Brasília. Ministério da educação, 2006.

DIONÍSIO, Angela Paiva. VASCONCELOS, Leila Janot de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. *In: Clécio Buzen & Márcia Mendonça. (Org.) Múltiplas linguagens para o ensino médio.* São Paulo: Parábola, 2013.

GERALDI, Wanderley. Unidade Básica do ensino de português. *In: GERALDI, Wanderley. (Org.) O texto na sala de aula.* 3. ed. São Paulo. Ática, 2000.

GOMES, Claudete Pereira. **Tendências da semântica linguística.** Ijuí: ed. Unijuí, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, Análise de gêneros e compreensão.** Parábola, São Paulo: 2008.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação. Conhecimentos de literatura; Conhecimentos de Língua Portuguesa. *In: Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: linguagens, códigos e suas tecnologias.* João Pessoa: [s.n.], 2006.

BRASIL. Secretaria do estado da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** Parte II: Linguagens códigos e suas tecnologias, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf> Acesso: 09/08/13.

SETTE, Maria das Graças Leão, *et all.* **Português: linguagem e conexão.** Volume 2. São Paulo: Leya, 2013.